

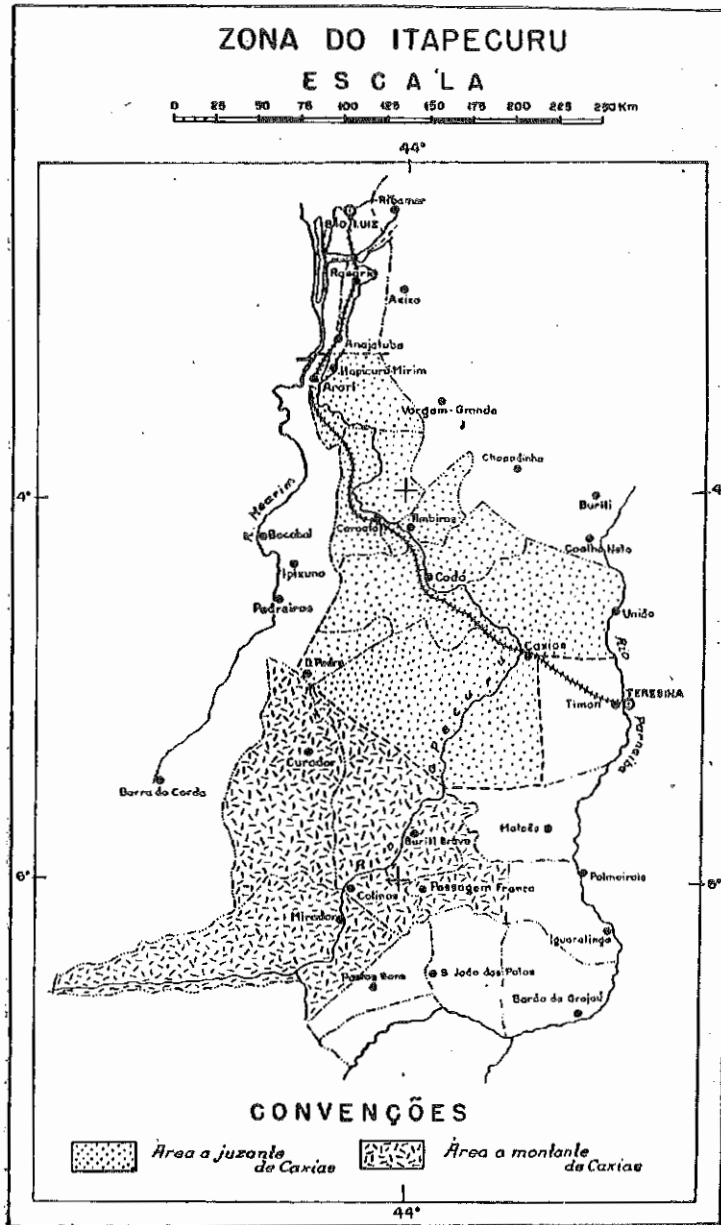
BASES GEOGRÁFICAS DA VIDA ECONÔMICA NO VALE DO ITAPECURU (MARANHÃO)

DIRCEU LINO DE MATTOS

No mês de julho de 1950, em companhia do prof. Aroldo de Azevedo, realizou o autor uma viagem de reconhecimento através do vale do Itapecuru, em território maranhense. Combinando as observações, levadas a efeito "in loco", com a bibliografia existente sobre a região, conseguiu o prof. DIRCEU LINO DE MATTOS, sócio efetivo da A.G.B. e titular da cátedra de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, elaborar um trabalho de síntese a respeito das bases físicas e humanas sobre as quais se assenta a vida econômica desse importante vale do Estado do Maranhão.

Introdução. — A Zona do Itapecuru constitui uma unidade econômico-administrativa do Estado do Maranhão. Distendendo-se ao longo do rio que lhe empresta o nome e integrada na chamada *Região dos Cocais*, ocupa uma posição de destaque na geografia econômica maranhense. Formam-na 10 municípios, que podem ser facilmente grupados em duas áreas econômicas bem definidas: 1) a área a montante de Caxias, constituída pelos municípios de Colinas, Passagem-Franca, Buriti Bravo, Curador e Mirador; 2) e a área a jusante de Caxias, constituída por este e mais os municípios de Codó, Timbiras, Coroatá e Itapecuru-Mirim (mapa n.º 1). A primeira área é menos povoada e menos produtiva, mesmo levando-se em conta o índice médio de produção "per-capita"; além disso, é uma área pobre em núcleos urbanos. A área a jusante de Caxias constitui o núcleo vital da economia regional e do próprio Estado do Maranhão: nela localizam-se os principais centros de produção agrícola e de coléta do babaçú; ali encontramos, também, os centros fabris de Caxias e Codó, que são os únicos, aliás, de todo o interior maranhense.

Considerada em relação às demais zonas do Estado, a Zona do Itapecuru caracteriza-se, do ponto de vista da geografia econômica, como uma região bem individualizada por suas atividades agro-industriais. Em um nosso trabalho, que deverá ser publicado



Áreas econômicas da Zona do Itapecuru, no Maranhão

em Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1), abordamos este aspecto da zona do Itapecuru, focalizando os principais problemas da sua vida econômica. No presente estudo, procuraremos, ao contrário, examinar as bases geográficas dessa economia, com o objetivo de assinalar as inter-relações, ali percebíveis, entre as atividades econômicas e o meio geográfico. Como o trabalho acima referido, resultou este também da rápida excursão que fizemos, em meados do ano passado, nesse trecho da Região dos Cocais (2).

Geologia e recursos minerais. — A zona do Itapecuru assenta-se quasi inteiramente sobre as formações mesozóicas da *Bacia do Maranhão*. Segundo a carta de Donald Campbell, editada em 1948 (3), os terrenos jurássicos dominam o vale a montante de Codó, enquanto que, a jusante deste município, dominam os terrenos do cretáceo. O paleozóico, representado por uma pequena mancha do carbonífero médio, ocorre na região de Caxias (mapa n.º 2). O terciário, pouco conspicuo na zona, ocorre em alguns morrotes dos arredores dessa cidade, como no Sanharó e no Alecrim (4).

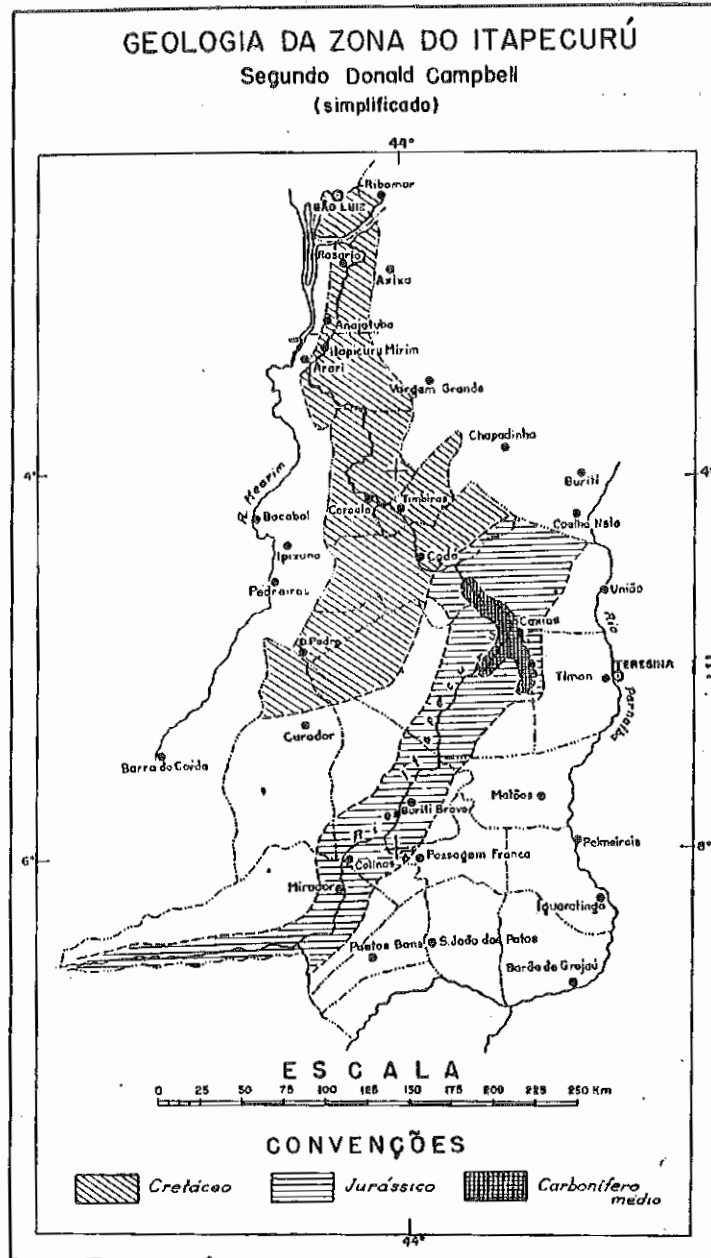
Todo o extenso vale, como decorrência das condições geológicas, constitui o domínio dos arenitos. Nenhum fenómeno perturbou os extensos e compactos pacotes sedimentares da região. Na área do Itapecuru, em particular, as camadas do cretáceo são quasi horizontais, denotando a grande estabilidade da zona. Fato idêntico parece ocorrer com as camadas do jurássico. Os estudos geológicos até agora realizados não assinalam nenhuma ocorrência de derrame diabásico, nem presença de intrusões magmáticas. Não houve, em toda a extensão do vale, nenhum fenómeno de metamorfismo. Não tendo ocorrido nenhum desses fenómenos, que constituem fatores de mineralização e não aflorando na zona em aprêço nenhuma formação cristalina ou cristalofílica, as condições da riqueza mineral, até agora efetivamente conhecidas, são precárias. Atualmente, a única atividade econômica ligada aos recursos do sub-solo, na região, se reduz a uma pequena indústria extrativa

(1) AZEVEDO (Aroldo de) e MATTOS (Dirceu Lino de), *Viagem ao Maranhão* (1950) — Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P. (no prelo).

(2) Realizamos esta viagem na segunda quinzena de julho de 1950. A nossa permanência na zona focalizada foi muito curta, pois estivemos apenas dois dias em Caxias e dois dias em Córpatá. Ao prof. Aroldo de Azevedo, que foi nosso companheiro de viagem, quero consignar aqui os meus agradecimentos, tanto pela sua amável companhia, como pelas opiniões expandidas nas diversas ocasiões em que determinados problemas locais exigiam de nós um esforço de interpretação sincero e honesto.

(3) CAMPBELL (Donald), *Mapa Geológico da Bacia do Maranhão*, in "Relatório do C.N.P." Rio de Janeiro, 1948.

(4) ABREU (S. Frões), *Na Terra das Palmeiras*, Rio de Janeiro, 1931, pg. 21.



Geologia da Zona do Itapecuru

da cal em Aarão Reis, localmente denominada Caieiras. Em Codó, no riacho do Inferno, são conhecidos afloramentos de xistos betuminosos. Dêse xisto, Gonzaga de Campos fez extrair 44 toneladas para experiências na usina de gás de São Luís. Tais experiências tiveram bom êxito, pois verificou-se que uma tonelada do xisto produzia 210 m³ de gás. Não obstante os resultados satisfatórios da experiência, sua aplicação comercial não foi efetivada (5). Mesmo as rochas mais comuns necessárias ao homem, quer para construção quer para pavimentação de ruas e estradas, não são ali encontradas. Devido à natureza friável dos arenitos e às condições do clima regional, a escassês de pedras constituiu um problema para toda a Zona do Itapecuru.

Hodiernamente, vêm sendo realizadas pesquisas de petróleo na Bacia do Maranhão. As perspectivas são boas, conforme podemos deduzir da leitura dos relatórios apresentados ao Conselho Nacional do Petróleo pelos geólogos que trabalharam ou trabalham nessa região. Tais pesquisas, no momento atual, estão sendo realizadas em domínios que não correspondem ao da Zona do Itapecuru. Todavia, segundo a concepção de Plummer, ela se inclui na área mais favorável para o óleo (6); mas tal hipótese ainda não foi confirmada. A ocorrência de carvão também parece ser provável nessa área. Até agora, porém, ao que sabemos, não se fez nenhuma pesquisa orientada nêsse sentido. É muito provável que as possíveis reservas de carvão ali existentes estejam a uma tal profundidade que a sua exploração econômica não seja possível, nem aconselhável tão cedo.

Verificamos, por estas rápidas notas, que a geologia do Itapecuru mostrou-se avara em recursos. É possível que os trabalhos que os geólogos vêm realizando em toda a Bacia do Maranhão culminem com a descoberta de recursos até agora despercebidos da população. No momento, porém, tais trabalhos criam apenas um clima de esperança, particularmente no que concerne ao petróleo.

A paisagem topográfica e sua repercussão sobre a economia regional. — A Zona do Itapecuru, como já vimos, corresponde à área sedimentar da Bacia do Maranhão. A acentuada horizontalidade dos sedimentos, associada à grande permeabilidade dos arenitos que os constituem, originam uma topografia em que a planura é a feição dominante. O rio Itapecuru, de suas nascentes à fôz, atravessa as três feições topográficas que caracterizam a morfologia

(5) ABREU (S. Frôes), *Rochas Oleíferas do Brasil e seu aproveitamento econômico*. Publ. do Min. do Trab. Ind. e Com., Rio de Janeiro, 1936, pg. 38.

(6) *Mapa geológico* mostrando a extensão do geossinclinal do Parnaíba e a área mais favorável para óleo. Relatório do Conselho Nacional do Petróleo, Rio de Janeiro, 1946.

maranhense: o planalto, a planície e a baixada. Destas, apenas as duas primeiras interessam à região em estudo.

A planície itapecuruense abre-se amplamente, sobretudo a partir de Caxias. Seu aspecto é muito semelhante àquele que pudemos observar em derredor de Terezina (foto n.º 1). Nela surgem, aqui e acolá, pequenos morrotes de feição tabular ou mamelonar, que representam formas residuais da antiga extensão das chapadas interiores. Em Caxias, tais morrotes aparecem relativamente aglomerados, originando uma paisagem topográfica bastante movimentada (foto n.º 2). O perfil longitudinal tanto quanto o transversal do vale aproximam-se perfeitamente ao do equilíbrio procurado pelos cursos d'água. Dessa circunstância deriva o aspecto de senilidade, que o relevo da região apresenta, particularmente a jusante de Caxias. A planície inclina-se suavemente para NO, com uma declividade insignificante. O desnível médio do leito ferroviário entre Caxias e Itapecuru é da ordem de 0,25 cms por quilômetro.

A impressão geral, em face dos aspectos topográficos do vale, é a de um meio extremamente favorável à circulação. Tal fato não é, porém, rigorosamente exato. A circulação terrestre tanto quanto a fluvial enfrentam alguns problemas que, sendo em grande parte derivados do clima, estão condicionados à feição topográfica da região. O rio, por exemplo, embora deslizando-se sobre uma superfície fracamente inclinada (foto n.º 3), oferece à navegação dois sérios problemas: o do entulhamento do leito e o das grandes enchentes do "inverno" (7). As estradas, por sua vez, não apresentam problemas menores. Ressentem-se das chuvas e das condições geológicas da região. Estas últimas são menos graves sem serem, todavia, desprezíveis.

Não existe, ao que sabemos, nenhum trabalho sobre as condições de navegabilidade do Itapecuru, mesmo nos moldes daquele que Gustavo Dodt fez para o Parnaíba e Gurupí. Não conhecemos, também, nenhum estudo de suas condições hidrodinâmicas. Todavia, a substituição dum meio de transporte barato, como o fluvial, por um caro, como o ferroviário, particularmente numa área de economia pouco desenvolvida, nos autoriza a afirmar a impraticabilidade duma navegação franca, regular e permanente desse rio. E' conveniente frizar que a ferrovia aí existente foi construída exclusivamente para substituir a navegação do rio. A propósito, conta-nos o eng.º Eurico Macedo que Afonso Pena, retido no Maranhão para conhecer de perto as condições de navegabilidade do

(7) Como é sabido, no interior do Brasil, em área ainda não delimitada geograficamente, a denominação das estações do ano não estão relacionadas com a noção de temperatura nem com a do ciclo vegetativo das plantas, mas exclusivamente com o regime pluvial. Assim, o período de chuva é denominado de "inverno", embora corresponda ao verão. A origem desta inversão de classificação estacional ainda não foi esclarecida.

Itapecuru até Caxias, fez "uma viagem tão estafante e enfadonha devido à frequência dos encalhes, que julgou uma necessidade a construção da estrada de ferro" (8). Um outro fato, que evidencia as más condições de navegabilidade do rio, reside em que todas as cidades fluviais do vale, que dependiam desse rio, hoje voltam-lhe as costas. Atualmente, a navegação é praticada com relativa regularidade apenas no trecho entre Caxias e Colinas, por meio de pequenas embarcações.

A circulação terrestre, dados os aspectos da paisagem topográfica, oferece condições muito favoráveis. A estrada de ferro, por exemplo, evidencia este fato. Essa estrada, num percurso total de 453 km, apresenta um desnível total de apenas 66 m. Os problemas que oferece (dentre os quais se destacam os responsáveis pelas frequentes interrupções do tráfego) resultam das condições técnicas da construção e da localização do leito ferroviário e, não, propriamente do quadro geográfico que atravessa.

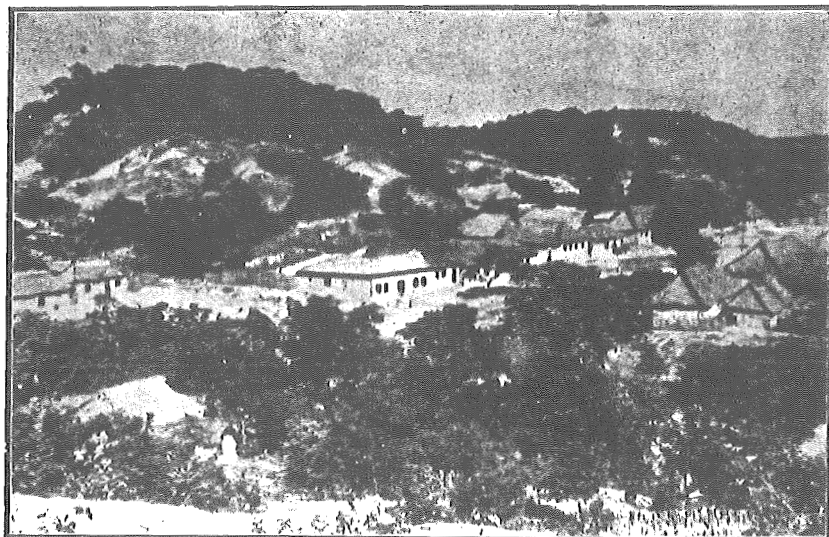
A zona do Itapecuru, pelo que pudemos constatar, é extremamente pobre em estradas de rodagem. Tal situação não resulta da impossibilidade de as possuir, mas das condições de sua vida econômica. É necessário, entretanto, lembrar que se as condições do relevo são bastante favoráveis para o desenvolvimento local de uma rede rodoviária, o clima e a geologia estabelecem certas restrições. O predomínio de um arenito muito friável origina, em extensas áreas do vale, um solo excessivamente arenoso semelhante àquele que ocorre na margem maranhense do Parnaíba, na latitude de Teresina (foto n.º 4). Observamos, entre Caxias e Veneza e nas imediações de Coroatá, manchas relativamente extensas e profundas de areia. No trecho que percorremos entre Caxias e Veneza, o "jeep" em que viajamos lutou tenazmente contra o leito arenoso da estrada, encalhando várias vezes no profundo lençol de areia. Se no período da estiagem a circulação é dificultada por condições geológicas que são, aliás, superáveis com relativa facilidade, no período das chuvas a situação é totalmente diversa. A prova disto nós a temos na rodovia que liga São Luís a Pedreiras, construída pelo D.N.E.R. e que, além das condições técnicas do traçado e construção, que apresenta, possui um serviço de conservação permanente. Não obstante isso, o trecho por nós atravessado e correspondente à zona da Baixada, apresentava, na ocasião que por ali passamos, péssimas condições de tráfego.

Dadas as condições acima assinaladas, para que a região possa possuir boas estradas, capazes de oferecer condições de tráfego

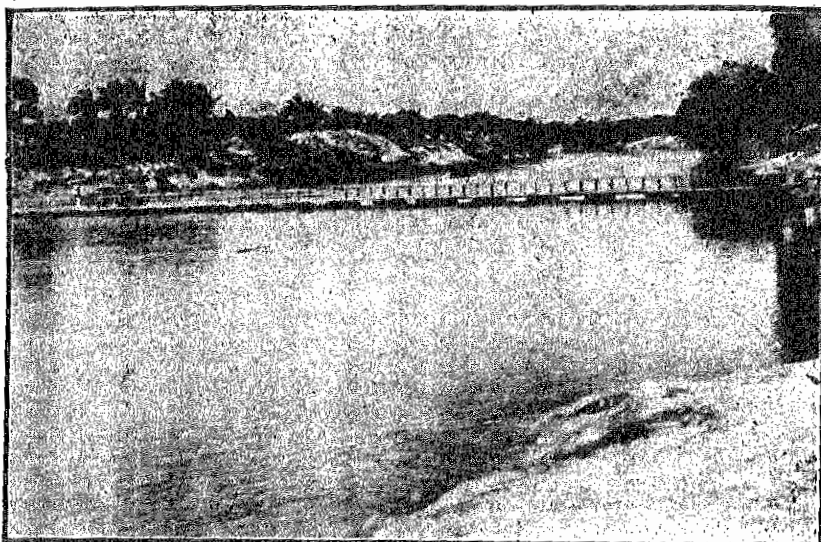
(8) MACEDO (Eurico), *O Maranhão e suas Riquezas*, 1.ª ed., Bahia, 1947, pg. 97 (s/ indicação do editor).



1 Aspecto topográfico da Bacia do Maranhão na região Teresina-Flores. — No fundo, a imensa planura maranhense, coberta pelo "carrasco" e por babaquais. Da grande planura destacam-se algumas elevações residuais, que assinalam o antigo nível da chapada mesopotâmica, situada entre o Parnaíba e o Itapecuru. A topografia da Zona do Itapecuru, em suas linhas essenciais, é semelhante a essa. No primeiro plano, vemos um aspecto de Teresina, que se assenta no contato da Chapada do Corisco com o terraço fluvial do Parnaíba (Foto do autor).



2 Aspecto topográfico da Bacia de Caxias. — Morrotes de arenitos jurássicos (?), situados na Bacia do Itapecuru, ao sul da cidade. Tais morrotes constituem as únicas feições de dinamização da paisagem topográfica e, assim mesmo, apenas na região de Caxias. Observe-se, além das habitações (com suas coberturas típicas de babaçu e em 4 águas, sendo duas imbricadas) e da vegetação, favorecida pela proximidade do rio, o aspecto arenoso do terreno resultante da decomposição dos arenitos (Foto do autor).



3. *O rio Itapecuru, em Coroatá.* — O rio corta, aqui, os compactos pacotes de arenitos esbranquiçados da Formação Itapecuru. No fundo, à esquerda, um dos belos babaçuais da região. A ponte, construída sobre canoas, é amarrada à terra por meio de grossas correntes. A técnica da sua construção resultou de duas exigências correlatas: retirá-la para a passagem dos barcos que, uma vez ou outra, sobem ou descem o rio e, na ocasião das enchentes, colocá-la a salvo da fúria das águas. A topografia e os recursos financeiros não permitem, no momento, a construção de uma ponte sólida, com vão necessário para permitir a livre circulação dos barcos que trafegam pelo rio.



4. *Extensos e compactos lençóis de areia, na margem esquerda do Parnaíba, em território maranhense.* — Estes imensos arenais, que, no caso em foco, constituem o leito de inundação do rio, dominam extensas áreas da região sedimentar maranhense. Elas originam, também, os extensos bancos de areia que entulham o leito do rio. Em Caxias e Coroatá, surgem camadas arenosas semelhantes a essa, embora menos visíveis em extensão, devido ao fato de que a vegetação as conquistou em...

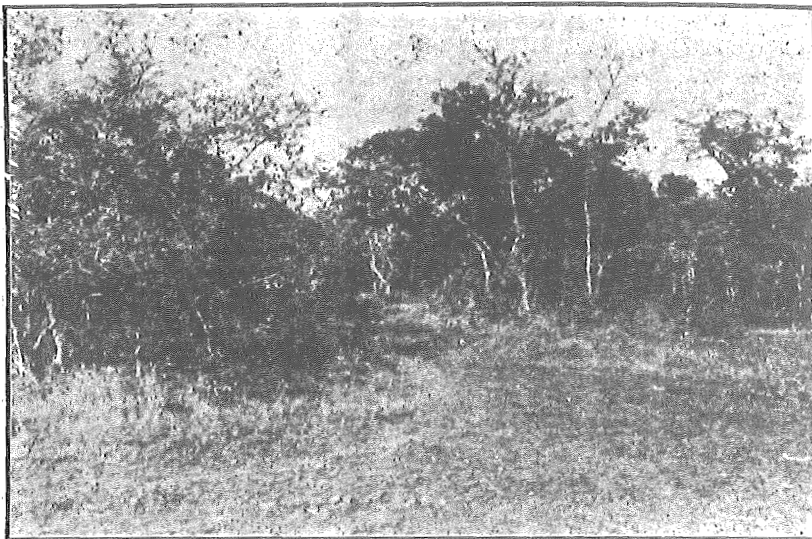
regular e permanente, grandes inversões de capitais se fazem necessárias. Este é, aliás, o problema de quase toda a zona tropical.

Um outro aspecto da paisagem topográfica, a que se tem dado pouca atenção, é o das suas relações com o problema da energia hidroelétrica. Wilson Soares, por exemplo, num trabalho publicado na "Revista de Geografia e História", do Maranhão (9), julga encontrar na inexistência de quedas d'água um dos "dons" da terra maranhense. Graças a este fato, diz êle, os rios do Maranhão oferecem ótimas condições de navegabilidade. Esta noção é falha, por duas razões: primeira, porque os rios maranhenses, particularmente o Itapecuru, não oferecem ótimas condições de navegabilidade; segunda, porque ela deveria ter sido expressa na fase inicial do povoamento da região e não hoje. Atualmente, a navegabilidade não constitui mais a função essencial ou exclusiva dos rios. Sobreleva-lhe em importância a possibilidade do seu aproveitamento hidroelétrico.

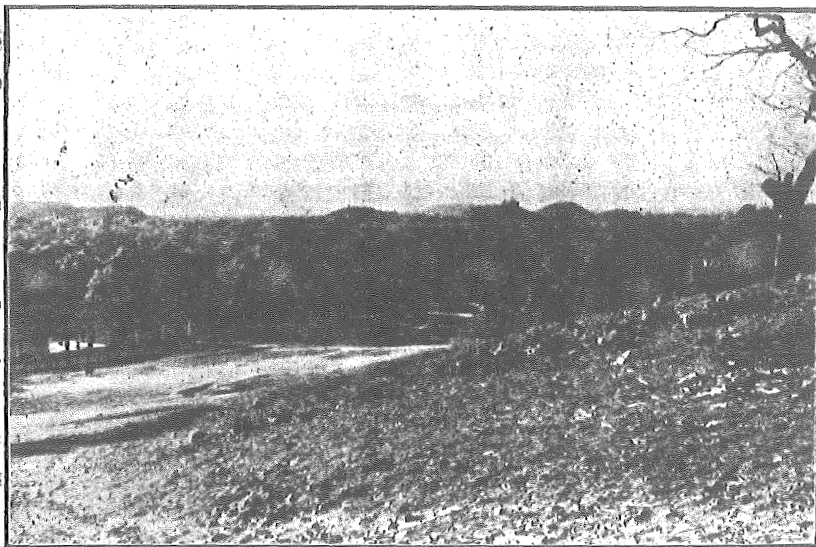
O rio Itapecuru é um rio sem quedas d'água. O eng.º Eurico Macedo, referindo-se a êle no trabalho acima citado, cita apenas dois acidentes localmente classificados como "cachoeiras": o da "Apertada-Hora", próximo a Codó, e a do Rosário ou Vera-Cruz, na foz do rio. Esta última resulta dos afloramentos cristalinos, que ali ocorrem, e não passa duma "corredeira", afogada diariamente pelas marés. Quanto à de Codó, não possuímos informações, mas de antemão sabemos tratar-se de acidente de pouca monta, visto nunca ter prejudicado a navegação, que era praticada antigamente com relativa intensidade. Situação idêntica à do Itapecuru parece caracterizar os demais rios do centro-leste maranhense, como o Parnaíba, o Balsas, o Mearim, etc. O resultado destas condições é a extrema escassez de energia, que domina toda a região economicamente mais desenvolvida, atrofiando as iniciativas industriais (10). O pouco de energia elétrica que se obtém nesta zona deriva da termo-eletricidade que, por sua vez, enfrenta o problema dos combustíveis. A paisagem topográfica itapecuruense apresenta, consequentemente, aspectos positivos e negativos para a vida econômica regional. Os aspectos negativos, representados principalmente pela dificuldade de obtenção de energia, sobrepõem-se aos positivos,

(9) SOARES (Wilson), *No Domínio da Geografia Econômica: Considerações sobre o Maranhão*. - Revista de Geografia e História, D.R.G., I, 1, 1946, pg. 123 (S. Luís, Maranhão).

(10) Em nossa viagem, encontramos Teresina, no Piauí, totalmente às escuras e com o serviço telefônico interrompido havia 4 meses por falta de energia. No vale do Itapecuru, Casias possuía uma iluminação fraca e intermitente e a usina termo-elétrica não podia fornecer energia para as fábricas ali existentes. Coroná estava às escuras, também por falta de energia.



5. O "carrasco" nas proximidades de Caxias. — As espécies arbustivas, de caule delgado e pouca ramagem, são dominantes. (Fotografia tirada pelo autor a 8 kms ao S. de Caxias, ao lado da estrada que liga esta cidade às águas termais de Veneza.)



6. Vegetação arbórea, que se desenvolve às margens do rio Itapecuru, nas imediações de Caxias e, também, de Corouá. — São, em geral, oitis e mangueiras, estas últimas plantadas pelo homem e perfeitamente adaptadas às condições locais de clima e solo. No fundo, aspecto da topografia caxiense, com os morrotes de topo mamelonar e tabular. O edifício, à esquerda, é uma escola rural. (Foto tirada pelo autor na margem esquerda do rio, na "trezidela" de Caxias).

anulando a atuação que os homens poderiam exercer sobre estes últimos.

O quadro climático-botânico e as condições da vida econômica. — A Zona do Itapecuru, já dissemos, corresponde à Região dos Cocais. Representa uma das áreas mais importantes da faixa de transição climático-botânica entre a Amazônia super-úmida e o Nordeste semi-árido. Viajando de Teresina para São Luís, assistimos à gradativa variação da paisagem vegetal. Até às imediações de Codó, pelo que pudemos observar, domina uma vegetação pouco densa, constituída por espécies arbustivas de pequeno porte, caule delgado e pouca ramagem (foto n.º 5). Esta vegetação, que representa um tipo de "caatinga" sem cactáceas, recebe na região o nome de "carasco" ou "chapada" (11). É uma mata rala de transição entre a floresta e a "caatinga" nordestina. Sua grande importância econômica reside na lenha que oferece e que é, nesta zona, a única fonte de combustíveis com que contam as usinas termo-elétricas e as locomotivas da Estrada de Ferro S. Luís-Teresina. Nesse trecho da Zona do Itapecuru, isto é, entre Caxias e Codó, os habuçuais formam associações pouco conspícuas, pelo menos nas proximidades do rio. É provável que a pouca densidade dessa palmácea, na região em aprêço, resulte da ação devastadora que o homem aí vem praticando de há muito contra o manto vegetal, inclusive contra o babaçú. Em Caxias, junto ao rio, desenvolve-se uma vegetação arbórea de grande porte e intensa ramagem, formando grandes copas e que lembra paisagens de pomar (foto n.º 6). São os oitís, tão utilizados na arborização de ruas e praças das cidades desta área nordestina.

A partir de Codó, a vegetação começa a apresentar feições um pouco mais vigorosas do que as até então observadas. Das imediações de Codó até Timbiras, aparecem as maiores formações de carnaubais que vimos em todo o percurso do Vale. De Timbiras em diante, particularmente até a região de Coroatá, o babaçú começa a aparecer com mais frequência, chegando a dominar a paisagem em extensos tratos de terra. De modo geral, a vegetação a jusante de Codó mostra-se mais viçosa e mais densa. O verde da folhagem oferece uma tonalidade mais viva, quando comparada com o verde esmaecido dos arbustos da região de Caxias. A concentração de

... (10) O nome de "chapada", aplicado à vegetação, nós o ouvimos na região de Teresina, numa pequena viagem que fizemos entre essa cidade e Potí Velho. Na zona do Itapecuru, parece ser também usado, embora com menos frequência.

grandes babaquais, na área de Coroatá, fez desse município o segundo produtor de amêndoas de babaçu do Maranhão, se considerarmos as cifras absolutas da produção. Tendo em vista, porém, a sua superfície e população, pode ele ser considerado o maior produtor sul-americano dessas amêndoas, por hectare e "per-capita".

Viajando, portanto, do interior para a costa, ao longo do vale, observamos uma gradativa transformação da paisagem vegetal. Esta transformação corresponde às modificações de um regime pluviométrico que aumenta à medida que nos aproximamos do litoral e da área onde já se fazem sentir as influências amazônicas. A altura das chuvas, como a umidade do ar, crescem da margem do Parnaíba para oeste. O quadro abaixo evidencia isto:

<i>Estações</i>	<i>Lat.</i>	<i>Alt. (m)</i>	<i>Chuvas(mm)</i>	<i>Dias de chuva</i>	<i>Umidade</i>
Teresina	5° 05'	79,25	1.474	114	75,3
S. Luís	2° 32'	23,63	2.088	150	83,6
Grajaú	5° 49'	154,15	2.114	65	85,2

Estes dados mostram claramente a evolução pluviométrica e higrométrica desta faixa climática. Em nossa viagem, realizada na segunda quinzena de julho, verificamos pessoalmente que, enquanto a estiagem dominava francamente em todo o médio Itapecuru, em seu curso inferior, situado na Baixada, as chuvas ainda persistiam, em rajadas passageiras.

Ao aumento gradativo da altura das chuvas em direção oeste, corresponde uma pequena diminuição da temperatura. Excetuada São Luís, sujeita a influências marítimas, as diferenças de temperatura entre Teresina e Grajaú são as seguintes:

<i>Estação</i>	<i>Média anual</i>	<i>m.M.</i>	<i>m.m.</i>	<i>M. abs.</i>	<i>m. abs.</i>
Teresina	26°8	33°1	21°3	39°0	13°8
Grajaú	25°8	32°8	19°2	37°6	13°0

Se considerarmos a altitude de Grajaú em relação à de Teresina, verificaremos que a diferença de temperatura registrada entre ambas perde um pouco o seu valor como termo de comparação. Grajaú, todavia, é uma estação mais continental que Teresina e esta situação, provavelmente, reduz as vantagens que a altitude possa lhe conferir. Estes são, ademais, os únicos dados de que dispomos.

Considerado em relação às atividades humanas, o clima desta região, embora salubre, não parece ser estimulante ao trabalho. As amplitudes diurnas são relativamente grandes, mas parecem se repetir com uma frequência tal, que reduz de muito a sua ação estimulante sobre o organismo humano. As noites são frescas.

tornando as condições de estabelecimento humano, na zona, mais ou menos favoráveis. A queda de temperatura à noite recompõe, de certo modo, as energias físicas despendidas durante o dia. Com isto o homem encontra, na manhã seguinte, boas reservas para realizar suas atividades. Há um momento, entretanto, que o organismo cede pela pressão do intenso calor: corresponde justamente à hora em que o sol atinge o meridiano da região; é o momento em que a sesta é obrigatória, visto ser tão necessária ao organismo como o sono noturno.

A sesta, na hora canicular, e o sono noturno favorecem o revigoramento das energias. Não cremos, entretanto, que ajam como forças compensadoras à ação desestimulante do clima. Estimular não é o mesmo que revigorar e isto é uma noção sediciosa que invocamos apenas como lembrete. A grande uniformidade térmica da região é evidenciada pelo uso generalizado da rede. A rede, nesta área, não é um ornamento de varanda ou terraço, mas o "movel" indispensável na casa do pobre como na do rico. O uso da cama não é geral. Quem dorme em rede não usa coberta, pois é uma cama típica de Verão. Apesar da grande uniformidade térmica e da frequência com que as amplitudes térmicas diurnas se repetem, iguais a si mesmas, o calor da Zona do Itapeuru não é depressivo. Não há ali, para agravar as condições de temperatura, a grande umidade do ar, característica, por exemplo, da Amazônia. O calor paulista, em geral, é mais enervante que o calor itapecuruense. Na zona em aprêço, o sol, sobretudo entre 11 e 15 horas, é causticante, mas a sombra é fresca, fato que não ocorre com o calor paulista ou carioca.

O clima da zona do Itapeuru não é, evidentemente, um clima elogiável por suas virtudes, mas não deve ser condenado por seus defeitos ou desvantagens. Oferece condições razoáveis de trabalho, cabendo apenas ao homem organizar o seu sistema de vida e de atividade dentro das exigências climáticas da região.

O meio humano: a população e seus característicos. — A Zona do Itapeuru possui, em números absolutos, o maior contingente demográfico do Estado, embora não seja a mais densamente povoada. Segundo o recenseamento de 1940, sua população era de 249.600 hab., dos quais 90,54% viviam no meio rural e 9,46 nos meios urbano e suburbano. A densidade demográfica, nessa ocasião, era da ordem de 5 hab. por km². A dar crédito às estimativas feitas em 1948 pelo Departamento de Estatística do Estado, verificamos um apreciável aumento da população. Tais estimativas atribuíam à zona em aprêço, no ano referido, uma população de

311.655 hab. e uma densidade demográfica de 6,66 hab. por km². Nestas estimativas é necessário considerar que Curador, que elas incluem, não fazia parte da Zona do Itapecuru em 1940. Vejamos, pelo quadro abaixo, o crescimento da população, por municípios, entre 1940 e 1948:

<i>Município</i>	<i>1940</i>	<i>1948</i>
Buriti Bravo	9.254	10.768
Caxias	77.874	93.610
Codó	38.164	44.405
Colinas	27.674	32.200
Coroatá	29.524	34.353
Curador		17.740
Itapecuru-Mirim	24.475	31.969
Mirador	18.579	21.613
Passagem Franca	16.060	18.687
Timbiras	7.995	9.304
	249.600	311.655

Se levarmos em conta a população recenseada em 1940 em Curador e que era de 15.372 hab., verificamos que o aumento geral diminui um pouco. De qualquer modo, porém, o crescimento registrado evidencia vitalidade, sobretudo tendo em conta que esse crescimento decorre mais do crescimento vegetativo que do aporte de imigrantes. Não conseguimos obter dados para os períodos anteriores a 1940. Isto impede-nos de acompanhar a evolução demográfica por um período mais longo e impossibilita-nos a apreciação das tendências demográficas regionais.

Não conseguimos dados sobre os índices de mortalidade e natalidade, nem sobre os movimentos internos da população. Faltam-nos, também, dados sobre a classificação profissional e sobre a composição étnica da população. A este último respeito, todavia, podemos informar que predominam como elementos alienígenas, o sírio e o cearense. Os sírios dominam o comércio em Coroatá. Além de abastecer toda a Zona do Itapecuru e a do Baixo Mearim em produtos manufaturados, são grandes compradores de babaçú, cêra de carnaúba e outras matérias primas da região. O cearense parece predominar em Caxias, embora a sua presença possa ser assinalada em todo o trecho do vale por nós percorrido.

A população do vale, pelo que pudemos observar, é formada essencialmente por caboclos e mulatos. O negro aparece com muita frequência. Encontramos na região um tipo original, ainda não estudado, que revela ser o produto dum triplo cruzamento do índio, do negro e do branco. Tal tipo, que aparece com bastante fre-

quência na zona, recebe localmente o nome de "jussára". A população branca do vale é relativamente grande e domina em todos os setores da vida social, política e econômica da Zona do Itapecuru.

Um dos aspectos que nos chamou a atenção nesta zona foi o assinalado predomínio da população rural. Pelo recenseamento de 1940, como já vimos, 90,54% da população viviam no meio rural. Devemos levar em conta, ainda, que a população classificada como "suburbana" está, em boa parte, ligada à vida rural. É provável, mesmo, que certos núcleos urbanos, como Timbiras, Passagem Franca, etc., sejam, funcionalmente, de natureza mais rural que urbana. O quadro abaixo dá-nos a situação por domicílio da população de fato, recenseada em 1940:

<i>Município</i>	<i>População</i>	<i>Pop. urbana</i>	<i>Pop. sub.</i>	<i>Pop. rural</i>
Buriti-Bravo	9.254	596	470	8.288
Caxias	77.874	2.610	4.432	70.832
Codó	38.164	2.276	1.129	34.759
Colinas	27.674	1.423	1.243	25.003
Coroatá	29.524	2.874	578	26.072
Curador		339	579	
Itapecuru-Mirim	27.475	1.013	812	25.650
Mirador	18.579	481	335	17.763
Passagem Franca	16.060	328	291	15.341
Timbiras	7.996	414	313	7.269

O ruralismo, como vemos, constitui um fato dominante na região. Tal circunstância, entretanto, transmite-nos um falso otimismo. O povoamento rural não corresponde, qualitativamente, ao seu aspecto quantitativo. Esta parece ser uma das poucas regiões em que a vida urbana não exerce atuação muito forte sobre o meio rural. A vida na cidade é sempre mais difícil pelas exigências que impõe, apesar da grande modéstia de que se reveste a vida urbana itapecuruense. Para satisfazer essas exigências, mesmo de maneira precária, é necessário um maior dispêndio de energia física e mental que no campo. A maioria da população desta zona, todavia, não parece disposta a grandes esforços. O sertanejo, ali, parece mais um fugitivo do trabalho contínuo e rotineiro, que procura nas dádivas do babaçú, dos frutos silvestres e da caça, uma acomodação passiva ao meio físico. A paisagem rural evidencia esta situação. Tal paisagem, pelo menos a que podemos observar ao longo de quasi 500 kms, reduz-se à paisagem dos "carrascos" e dos babaçuais. Não vimos, em toda essa extensão, uma única parcela de terra em cultivo ou que evidenciasse ter sido ou estar sendo preparada para tal fim.

Os núcleos urbanos (particularmente Caxias, Codó e Coroatá) parecem absorver os elementos mais ativos da população. A vida

industrial, entretanto, nos oferece aspectos que revelam sintomas de indolência. Fazendo um inquérito numa das principais fábricas de tecidos da região, fomos informados de que, ao lado da energia elétrica, outro problema grave enfrentado pela indústria era o da "energia humana", isto é, da mão de obra. Esta, disseram-nos, além de escassa e inábil, é refratária ao trabalho regular e contínuo. Excetuadas algumas raras exceções, a maioria do operariado é constantemente renovada, fato que prejudica a continuidade do trabalho fabril. Para uma região relativamente bem povoada e economicamente pouco desenvolvida, como explicar esta escassês de mão de obra? Pelo que já dissemos linhas acima, constatamos que a atividade agrícola não absorve grande parte dessa mão de obra. A maioria da população, ademais, não é dona da terra; o sentimento de propriedade, portanto, não as retém no campo. O que parece fora de dúvida é que a escassês de trabalhadores para a indústria está relacionada com a indolência, de que a inconstância no trabalho constitui uma manifestação inconteste. Quanto à habilidade para o trabalho industrial, o fato não é menos chocante. A indústria têxtil existe em Caxias desde 1887 e nada justifica que após 63 anos de atividade ininterrupta não se tenha criado, no mercado de trabalho, u'a mão de obra tecnicamente hábil e eficiente.

Do exposto, embora de maneira sumária, conclui-se que o problema da população, na zona do Itapecuru, é mais um problema de qualidade que de quantidade. Este problema deverá ser o primeiro a ser encarado em qualquer plano de intensificação da vida econômica regional. Enquanto persistirem as condições atuais, que mantêm esta população refratária a qualquer esforço progressista, a economia do vale será uma economia enferma. Dentre essas condições destacam-se as de educação e saúde.

Conclusão. — O presente trabalho constitui, em essência, um modesto relatório dos fatos por nós observados na Zona do Itapecuru e que nos pareceu dignos de consideração. Esta zona maranhense possui inúmeras possibilidades de desenvolvimento, que se acham prejudicadas pelos problemas físicos e humanos ali existentes. Em nosso trabalho, já citado, fizemos uma rápida enumeração desses problemas, tais como o da energia, o humano e o portuário. As bases geográficas em que se assenta a vida econômica regional não são de molde a prejudicar sua evolução econômica e social. Se a escassês de energia, provocada pelas condições de relêvo, parece constituir um problema insuperável, existe a esperança de que esse problema possa vir a ser resolvido pelo uso do carvão de babaçú. O problema portuário não é insolúvel e o problema humano poderá

ter uma solução satisfatória através duma política de reabilitação do homem da região, a partir da infância e mesmo por uma política imigratória bem orientada, técnica e cientificamente. E' verdade que tudo isto custará muito dinheiro e o problema, neste caso, consiste em se saber até que ponto os recursos naturais e as possibilidades agrícolas, pastoris e industriais da região poderão justificar as grandes inversões de capitais, que a solução dos seus problemas requer. Os recursos naturais, atualmente conhecidos e explorados, são de natureza vegetal: babaçú, carnaúba, tucum, frutas silvestres, etc. Dêsses, apenas o babaçú tem significação econômica ponderável e, mesmo assim, se os inúmeros produtos que as experiências científicas puderam retirar dele puderem ser produzidos economicamente. Quanto aos recursos minerais, existe apenas a esperança do petróleo. Se nenhum desses recursos contribuírem para o futuro desenvolvimento da região, restam-lhe duas condições: a de ser o "corredor" natural de ligação entre o Nordeste e a Amazônia, e a de centro fabril do Estado, dadas as excelentes possibilidades ali encontradas pela lavoura algodoeira.